

FERNANDO FIORESE

Romance dos desenganados do ouro & outras prosas

AMOS STRA



Rio de Janeiro, 2024

AMOSTRA

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com nomes,
pessoas, lugares ou acontecimentos
reais é mera coincidência.

SUMÁRIO

SEXTINA COM NOTÍCIAS DA COMITIVA	1
ROMANCE DOS DESENGANADOS DO OURO	3
BALADA DO ALMOÇO DE SÁBADO NA PENSÃO DONA EDELWEISS	12
ERA UMA VEZ UM HOMEM	14
SONETO DA BOA MORTE	33
O BARBEIRO DE SEM-PEIXE	34
[DA OPULÊNCIA E DAS MISÉRIAS DO CAFÉ]	38
CRÔNICA DOS BARRANCOS	66
TESTAMENTO DE GERALDA CABINDA	73
PROSA DE BEIRA-ESTRADA	75
A HISTÓRIA SE REPETE	87
Tia Ritinha	87
Paulo Pacheco	88
Totonho Furtado	89

AUTO DO Ó OU DA EXPECTAÇÃO DO PADRE	90
RECLAMES PUBLICADOS POR OCASIÃO DA VISITA DE D. PEDRO II À CIDADE DE LEOPOLDINA EM ABRIL DE 1881	108
VIAGEM DE ACABAR OU LEOPOLDINA <i>REVISITED</i>	109
Primeira estação	111
Segunda estação	112
Terceira estação	114
Quarta estação	115
Quinta estação	116
Sexta estação	120
Sétima estação	122
Oitava estação	123
Nona estação	125
Décima estação	126
Décima primeira estação	128
Décima segunda estação	129
Décima terceira estação	130
Décima quarta estação	131
À ESPERA DOS CARCAMANOS	132
TRIBULAÇÕES DE UM HISTORIADOR DA PROVÍNCIA	134
Introdução	134
As cidades como os homens	137
Do herói-civilizador	139
A história vista de baixo	142
Conclusão	147
RONDÓ DAS COUSAS POR QUE FICARAM	149

SEXTINA COM NOTÍCIAS DA COMITIVA

Ao André Capilé

Que as bestas andam juntas mais ousadas...

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA

O que carregam de alheio os serventes
(Um velho, outro moço, três mulheres)
— Afora as foices e mais tantos trastes,
Dois meninos também, de colo ainda,
Quando as mães cansam deles na carroça —
Pesa menos que o oco do caminho.

Quem augura as ciladas do caminho,
De cima de um cavalo que os serventes
Cobiçam mais que a sombra da carroça,
Bem despreza a lamúria das mulheres,
E presságios de pretos mais ainda;
Sabe o silêncio assentar em trastes

E tirar dele o rumo desses trastes
Que, há muito, empestam o caminho,
Sejam bichos, bandidos ou, ainda,
As coisas que do demo são serventes,
E molestam o sono das mulheres,
Quando não perdem mulas e carroça.

Porque mal e aos trancos a carroça,
Foi preciso apeá-la dalguns trastes
Para maior conforto das mulheres.
Cômodas e sofás seguem caminho
No lombo das escravas, que os serventes
Cuidam de dar folga às mulas ainda.

Quando cruzou o Pomba, sem ainda
Haver muda sequer para a carroça,
Já a comitiva mal tinha serventes
Com algum préstimo; deram os trastes
De pegar a terçã desses caminhos
Para agravar a pena das mulheres.

Onde é coisa que cismam as mulheres;
Um mineiro não faz conta do ainda
— Por inteiro no agora do caminho,
Tem mais léguas que o pau desta carroça
E sabe que o ouro apura entre trastes,
Entre fortuna e azar, seus serventes.

Sem serventes por ora, as mulheres
Estão uns trastes — e demora ainda
A carroça nas mortes do caminho.

ROMANCE DOS DESENGANADOS DO OURO

Ao leitor desde já convém dizer
Que muitas outras vidas atravessam
Anônimas as linhas que vai ler;
E se não dão as caras nem dão trela,
É mercê procurar entre os fantasmas
Que assomam junto às cruzes esquecidas
Pelos caminhos e trilhas da Mata,
E maculam os álbuns de família
Com suas misérias, seus medos, suas taras,
E tramam as mais esconsas verdades
Pelas brechas onde a História turva.
São espectros de toda laia e praxe,
A pungir com suas dentaduras duplas
Os mitos e a medula das Geraes.

Porque nulo há muito o édito real
De hum mil, setecentos e trinta e três,
Primeiro os de pouco ou nenhum cabedal
(Que a barriga não faz caso de leis)
Meteram-se pelos Sertões Proibidos;
Levas de oleiros, pintores, ferreiros,
Putas, boticários e carnicheiros,
A ver se achavam um qualquer arrimo
No oco exílio daquele mar de morros.
Como era de prever, gentes de nome
Debandaram também — e, com mor fome
De terra e poder, trouxeram seus monstros.
E todo o mais (como antes nas Bandeiras)
Deu-se, por assim dizer, de gargalheira.

Com o ouro mais e mais raro ou revés
E a fome crescendo às arrobas nas minas,
Antônio deu que era chegada a hora
De largar de vez a fula Balbina
E a prole que tinha dela e de outras
Três mais, em número acima de dez;
Melhor juntar o pouco numa trouxa
E escapar daquela tabuada de menos
Que disputar os ossos com os seus;
Melhor tentar da vida algum remendo
Que morrer pelado feito o Hebreu;
Melhor rojar-se aos Sertões do Leste,
Sujeito aos ardis do próprio Demo,
Que uma fortuna tão má e tão prestes.

Sem Antônio e outros, que nos eixos
Mantinham a máquina da escravaria,
Licurgo entendeu que devia dar jeito
(Enquanto valor nelas inda havia)
De fazer dinheiro de suas grupiaras,
Terras e casas; também passar nos cobres
O que de pouca ou nenhuma valia
Entre bens de fôlego e utensílios;
Aviar a família e o quanto prestasse
Dos escravos, petrechos e alimária;
E assim, antes que a miséria rapace
Viesse tomar as últimas oitavas
De suas catas, ir de pronto juntar-se
Aos tantos lançados na penosa diáspora.

Por que caminhos e picadas deram
— Antônio, só e ligeiro o mais das vezes,
De pouso em pouso, Licurgo e os seus —,
Em mapa ou diário não cuidaram eles;
Certo é que foram vários e desiguais,
Arrostando, por graça do mesmo Deus,
Iguais monstros de estampas medievais,
Todos de muita fome e maior breu;
Certo é que foram pasmos e ferros
Os meses cumpridos nesse estirão.
Assim, por cobra, Antônio perdeu
O dedo médio da destra, e Licurgo
Deixou em chão incerto um neto seu,
Chagado e morto por algum mal brusco.

Mais certo ainda é que tanto Antônio
Quanto Licurgo, cada qual a seu tempo,
Toparam o mesmo lugar anônimo
Entre o Pomba e o Paraíba do Sul;
Licurgo mais a família, em novembro,
Tomaram posse de sua sesmaria;
Antônio tentou a bateia no Angu,
Pois a febre d'oiro inda lhe ardia.
O que ambos encontraram nos ditos
E mal-afamados Sertões Proibidos,
Além de arremedos de povoação
E umas poucas fazendas de cultura,
Nada tinha de inferno ou paraíso
— Terra apenas, a mais banal e bruta.

Como ali não havia ouro ou diamantes,
Por mais que Antônio teimasse nos corgos
E rios da Mata, as artes do garimpo
Pouco prestavam naquele chão; antes
Soubesse cousas de roça e criação.
Em sendo homem de tino e talante,
Deu de aprender toda e qualquer função:
Do amanho da terra à lida com bichos,
Dos calos da faca aos tratos do tiro;
Pois em lugar sem furos de progresso,
Qualquer mister tinha monta e valia;
E se há o que isto prove e comprove
É que muitos logo usavam dos préstimos
Do que alcunharam Antônio dos Nove.

E porque mansos os índios puris,
Ou dados a morrer por qualquer gripe,
Licurgo achou que era dever cristão
Esforçar os corpos deles nas lides
De tirar da mata a planta poaia,
A qual fazia vender na Corte então,
A fim de lograr a devida paga
Por sua pia e aturada compaixão;
Ademais, nos seus puris não havia
Um único sem o justo batismo,
E sempre que o comércio permitia
Ou o gentio cismava outro destino,
Tratava de mantê-lo sob sua guarda
— A servidão em troca de cachaça.

Como faltasse gente e abundasse
Toda sorte de mato, mosquito e morro,
Antônio tomou certo provérbio no osso
— A saber: “aquilo que não se tem, faz-se” —,
Arregaçou as mangas e, sem demora,
Ganhou fama por pegar qualquer serviço
(De menos matar criança, moça e padre);
Dias e noites no mesmo e igual cilício
De derrubar mata e domar cavalo,
De caçar pretos e mais tantos bichos
De comer e de usar; nada lhe veio dado,
Para fazer sua posse foi preciso
Despachar bem uns três ou quadro e, pasme,
Destinar algum às burras do padre.

Não havendo ali um reles Juiz de Paz,
E muito menos Guarda Nacional,
Licurgo assentou de virar Capitão
E tomar o sobrenome Amaral,
Que assim não dava sinal nem sação
De ser achado por algum credor
Ou aqueles parentes que deixou
Na mais redonda e tenaz precisão.
Mesmo a patente com que se crismara
(Nesta terra, título é aguarrás),
Embora fosse não mais que migalha
Ante o fausto que ficou para trás,
Deu-lhe altura, arbítrio e armas para
À sua sesmaria ajuntar outras mais.

Foi botar o primeiro paletó
E Antônio achou que era gente bem.
Por qualquer ó amargava o jiló:
Bastava um desavisado teimar em
Tratá-lo pela alcunha Antônio dos Nove
E era um deus nos acuda — dando sorte,
Ganhava só uma descompostura;
Àquela altura, Antônio não admitia
Fizessem troça da sua desventura;
Podia faltar-lhe um dedo, mas tinha
Seus negócios, suas posses, sua valia;
Faltava-lhe também nome de família,
Que o seu, rapa de senzala, não convinha
Em terras já com ares de baronia.

Posto que essa cousa de muita cultura
Nunca presta, seja nas gentes, seja
Para a lavoura, Licurgo aferrou-se
À moda do café como mui benfazeja;
Largou de vez a poaia e os puris,
Juntou quantos pretos escravos pôde,
Fez escalvar o cabeça dos morros
E meter mais e mais café em todos.
Acresce a isto que o Capitão Licurgo
Deu de haver-se com cousas de política,
Foi dos liberais inteiro verdugo,
Sem admitir a mais pequena crítica
À impoluta imagem do Imperador
— Um Deus na Terra, sem tirar nem pôr.

Porque nome se compra no cartório
Ou no altar, Antônio ajustou que
Ficava bem mais em conta o casório
Co'alguma dona à cata de tal mercê.
Porque com bem mais de vinte anos, muito
A contento, calhou que Sinhá Laura,
Dentre as que ardiam por uma grinalda,
Reunia mais que os precisos atributos:
Além dos anos, tinha de vantagem
Ser mais ou menos provida de nádegas,
Inda que faltasse graça aos remates
E de gênio fosse algo esquipática;
Mas, de Laura, o maior capital
É que vinha a ser do clã Amaral.

Como é já de todos bem sabido,
O Capitão Amaral resistiu quanto
Pôde aos avances de Antônio dos Nove;
Por ele, antes a filha sem marido
Que emprestar o sangue àquele sicrano,
De quem não tinha as modas nem o molde.
Entanto, Laura cismou que era Antônio
Ou se atirava no Pomba a dodivanas.
Ninguém dirá que foi sem pejo e assomo
Que Licurgo engoliu afronta tamanha,
Entregar justo a caçula àquele merda
E, ainda por cima, ter que dar festa.
Mas viu depois que não foi mau negócio
— Passar por parvo prestava ao propósito.

Como asseveram num dito os reinóis,
“Casamento e mortalha no céu se talha”
— E muita vez, esta vem logo após.
E foi assim a cousa, pois os noivos
Seguiam rumo de casa quando deu-se
A tocaia por que Laura ficou viúva,
Viúva porém casta, como convinha
Ao sangue do clã e à correção pública;
E mais ainda serviu este “Noves fora”
(Do caso assim cuidavam à boca miúda)
Às finanças do Capitão Amaral;
De todas, a conta que mais deu sobra:
Bem medidos, por volta de dez alqueires,
Algum gado e muita mata de bom pau.

Quanto a Antônio dos Nove, assento
Que teve velório e cova de cristão,
Mas longe do jazigo dos Amaral;
Não tinha mesmo nenhum cabimento
Um tipo daqueles meter como igual
Entre gente bem – inda mais sendo pardo,
Com modos do pior povo e outros calos.
Assim foi que a viúva se fez de,
E por uns dias chorou na roupa suja
(Que é lugar quente); ao menos até que
Chegou de Juiz de Fora um primo primeiro,
Talvez a mando do próprio Licurgo,
Que Laura carecia doutro brinquedo
E de alguém para engordar seu pecúlio.

Fora de metros, como sói se dar
Quando se trata de ajustar as contas
Com as gentes e feitos mais trevosos
(E que emprestam à pena o seu desar),
Esses versos assim de nula monta
Hão de desagradar os mui ciosos
De datas, de lugares e do mais
Que rubricam as páginas da História
Com a versal que tanto lhes faltou
Quanto sobrou horror a essas Geraes.
Porém, não digam mal desta memória,
Pois, se em fatos e anais não se estribou,
Ao leitor cumpre reclamar que entenda,
Muita vez é maior verdade a lenda.